

# RICARDO SEVERO, RAUL LINO E OS MOVIMENTOS TRADICIONALISTAS

Luciana Pelaes Mascaro – USP  
Maria Ângela Bortolucci – USP  
Júlia Maria Lourenço – Universidade do Minho

## RESUMO

Nosso objetivo foi melhor compreender o ambiente cultural de onde emergiram os movimentos tradicionalistas surgidos no início do século XX – o *neocolonial* e o da *casa portuguesa* – liderados no Brasil por Ricardo Severo e em Portugal por Raul Lino. Para tanto analisamos as trajetórias desses dois profissionais da arquitetura e fizemos uma confrontação entre ambas. Como resultado, verificamos que Severo e Lino provavelmente nunca se conheceram e não sofreram influências mútuas. Verificamos também que Severo já estava muito envolvido com debates etnográficos, culturais e políticos enquanto Lino apenas voltava para Portugal depois de um longo período de estudos na Alemanha e na Inglaterra. Por isso, Severo e Lino foram pioneiros lado a lado do movimento português, até que Severo embarca definitivamente para o Brasil, para lá impulsionar o movimento neocolonial, e Lino encabeça o que viria a ser o movimento da casa portuguesa.

## PALAVRAS-CHAVE:

Ricardo Severo; Raul Lino; movimento *neocolonial*; movimento da *casa portuguesa*.

## ABSTRACT

OUR MEANING WAS BETTER UNDERSTAND THE cultural environment from which emerged the traditionalists movements of the early twentieth century – the *neo-colonial* movement and the *Portuguese house* movement – led by Ricardo Severo in Brazil and by Raul Lino in Portugal. To this we analyze the trajectories of these two professionals of architecture and we made a comparison between them. As a result, we see that Severo and Lino probably never met each other and were not affected. We also noticed that Severo was already very involved in ethnographic, cultural and political discussions as Lino was just returned to Portugal after a long period of studies in Germany and England. So, Severo and Lino were pioneers side by side of the Portuguese movement, until Severus embarks once for all to Brazil – to drive in this country the *neo-colonial* movement – and Lino is leading what will be the movement of the *Portuguese house*.

## KEYWORDS:

Ricardo Severo; Raul Lino; *Neocolonial* movement; *Portuguese house* movement.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a colaboração da Fundação Calouste Gulbenkian, Portugal, cujo apoio financeiro através da concessão de Bolsa de Investigação para Estrangeiros tornou possível a realização deste artigo, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Brasil, sem cujo apoio não se realizaria a pesquisa em Portugal. Manifestamos, ainda, agradecimento especial à família do arquiteto Raul Lino pela abertura do espólio de correspondência, do arquivo genérico, ambos em Lisboa, e pela pronta disponibilidade e amabilidade em partilhar memórias.

## 1. Introdução

Este artigo resulta de pesquisas realizadas em Portugal como parte do desenvolvimento de nossa tese de doutorado sobre o movimento *neocolonial*. Em certa altura do trabalho, foi preciso melhor compreender o principal precursor desse movimento – Ricardo Severo –, conectando-o às condicionantes de seu país de origem. Assim, nosso interesse voltou-se para o contexto do qual emergiu esse engenheiro português.

Portugal, no mesmo período, também experimentava uma ânsia de busca de identidade, de elementos culturais e tradicionais para afirmação de sua nacionalidade. O arquiteto português Raul Lino, conhecido como expoente do movimento da *casa portuguesa*, era um dos representantes desse universo cultural partilhado por Severo. Portanto, Lino também foi personalidade de interesse para o aprofundamento do nosso estudo. Ricardo Severo e Raul Lino traçaram caminhos paralelos. Contudo, os movimentos que lideraram tinham componentes comuns, originárias do mesmo ambiente cultural.

Assim, analisamos o trabalho desses dois profissionais da arquitetura, de mesma nacionalidade, de mesmo viés de pensamento – a preocupação com a tradição – e mesma fonte de inspiração – a arquitetura tradicional portuguesa – atuando, contemporaneamente, um em Portugal e outro no Brasil. Observamos qual o papel do engenheiro português Ricardo Severo na origem do movimento *neocolonial* e do movimento da *casa portuguesa*. Observamos também a atuação do arquiteto Raul Lino na liderança do movimento português. Finalmente, comparamos os percursos traçados pelos dois profissionais, procurando observar se estiveram em contato e se puderam exercer influências um sobre o outro.

## 2. Ricardo Severo, a *casa portuguesa* e o *neocolonial*

Ricardo Severo da Fonseca Costa nasceu em Lisboa, em 1869. Ainda criança, mudou-se com a família para a cidade do Porto, onde cresceu e formou-se Engenheiro Civil de Obras Públicas (1890), e de Minas (1891), pela Academia Politécnica do Porto. Durante

o curso na universidade teve estreito contato com Rocha Peixoto<sup>1</sup>, que havia sido redator da revista *Portugália* desde 1889, e organizador do Gabinete de Mineralogia, Geologia e Paleontologia dessa escola, em 1891, ano em que Severo completou sua formação. Essa ligação com Rocha Peixoto mostra que ambos tinham, de fato, interesses afins. Severo esteve, também, bastante ligado a Martins Sarmiento<sup>2</sup>, natural da cidade de Guimarães, primeiro arqueólogo e etnógrafo português reconhecido internacionalmente, muito envolvido na pesquisa sobre questões antropológicas portuguesas. Severo publicou um de seus primeiros artigos sobre o assunto na *Revista de Guimarães*<sup>3</sup>, quando era ainda muito jovem, aos 17 anos, em coautoria com Fonseca Cardoso<sup>4</sup>. De 1899 a 1908, publica a revista *Portugália*<sup>5</sup>, que tratava de temas relacionados à antropologia, porém a publicação foi interrompida pelo seu retorno ao Brasil, onde já criara sólidos laços, desde que aqui estivera pela primeira vez, exilado, em decorrência de seu envolvimento em questões políticas, em Portugal.

Ricardo Severo foi um homem engajado em pesquisas etnográficas (Matos, 2002, p. 131) e no movimento republicano português, inserindo-se perfeitamente na geração de homens cultos de 1890 (Silva, 2005, p. 44), da qual faziam parte intelectuais, cientistas e artistas, envolvidos com a valorização do mundo português e com a definição dos principais símbolos, instituições e personagens que davam identidade a Portugal. Esse republicanismo estava, por um lado, sob a influência iluminista e, por outro, sob uma vertente romântica que justifica o interesse pelas tradições, pela etnia e pelo nacionalismo. Esse interesse pode

[...] ser identificado no trabalho de Severo ou de seus contemporâneos, fosse tratando de arqueologia, história ou arquitetura [...]. Tratava-se de voltar para as origens da nação e de seu povo, para suas tradições, para a partir dela projetar um futuro radiante promissor. (Matos, p. 39, 2005)

---

1 António Augusto da Rocha Peixoto (1866-1909). Naturalista, etnólogo e arqueólogo, foi uma das figuras marcantes na vida cultural portuguesa na transição do século XIX para o nosso século. Em 1891 secretaria a “Revista de Portugal” fundada por Eça de Queiroz e onde já colaborava. Organizou o Gabinete de Mineralogia, Geologia e Paleontologia da Academia Politécnica do Porto. Colaborou nos jornais *O Século* e *O Primeiro de Janeiro* e, em 1889, como redator-chefe, é um dos impulsionadores da revista *Portugália*, conhecida pela sua alta erudição nos domínios da arqueologia, da história, da antropologia e da etnografia. Foi diretor da Biblioteca Pública e Museu Municipal do Porto. Disponível em: <http://www.cm-pvarzim.pt/Turismo/HistoriaTradicoes/Poveiros%20Ilustres.htm>. Acesso: 13 abril 2006.

2 Francisco Martins Sarmiento (1833-1899). Disponível em: [http://www.csarmiento.uminho.pt/sms\\_41.asp](http://www.csarmiento.uminho.pt/sms_41.asp). Acesso: 3 jul. 2006.

3 *Revista de Guimarães*, Órgão da Sociedade Martins Sarmiento, fundada em 1884, sendo uma das mais antigas e prestigiadas publicações, de caráter científico, portuguesas. Disponível em: <http://www.csarmiento.uminho.pt/sms.asp>. Acesso em: 3 jul. 2006.

4 SEVERO, R.; CARDOSO, A. F. Notícia arqueológica sobre o Monte da Cividade. *Revista de Guimarães*, Guimarães: Martins Sarmiento, v. 3, p.137-145, 1886.

5 “Portugália: materiais para o estudo do povo português. Ao contrário da primeira iniciativa editorial, nesta nova revista o vínculo imediato entre o propósito científico e o ideal nacionalista em Portugal era claramente assumido no seu próprio subtítulo”. (Silva, 2005, p.44).

Encontramos, em um alfarrabista do Porto<sup>6</sup>, livros da biblioteca pessoal do engenheiro que também ajudam a compor o panorama de seus interesses. Os exemplares localizados tratam de antiguidades, culturas e povos antigos, como por exemplo: Villenoisy, F. & Blanchet, A. *Guide Pratique de L'antiquaire*; Lenormant, F. *Histoire des Peuples Orientaux*; Arbois de Jubainville, H. *Celtes*; Nicolay, F. *Histoire des Croyances Superstitions Moeurs Usages et Cotumes*.

Severo veio, pela primeira vez, ao Brasil, em 1892<sup>7</sup>, e aí permaneceu até 1897, período em que mais se empenhou na produção escrita sobre a República, envolveu-se no setor da construção civil, e se casou (Silva, 2005, p. 55). Já outra vez no Porto, inicia, em 1899, a publicação da revista *Portugália*, mas em 1908 tem de voltar ao Brasil, devido a dificuldades financeiras, aí permanecendo até a data de seu falecimento, em 1940.

Assim, o engenheiro teve dois aspectos marcantes, em sua carreira. Em Portugal é reconhecido, principalmente, pela sua produção escrita sobre antropologia e arqueologia, e pela publicação da *Portugália*. No Brasil, principalmente pelo seu trabalho como engenheiro e difusor das ideias que fomentaram um movimento de renascimento arquitetônico, que buscava empregar as raízes da arquitetura colonial e barroca, o posteriormente chamado “movimento neocolonial”<sup>8</sup>.

O movimento da *casa portuguesa* surgiu como um dos desdobramentos do debate sobre questões ligadas a origens, tradições, raízes culturais e nacionalismo, em Portugal, desencadeado pelo Ultimato Inglês, ocorrido em 11 de janeiro de 1890, e que foi um duro golpe no sentimento nacionalista português e no regime monárquico, acusado de ser incapaz de defender os interesses da Nação (Labourdette, 2003, p. 523). Esse fato estimulou fortemente o crescimento do movimento republicano. Nesse novo contexto de sentimentos exacerbados, a classe intelectual debatia questões relacionadas à nacionalidade e, assim, criaram-se as condições favoráveis para novas expressões nas artes, incluindo a arquitetura. A discussão sobre o que viria a ser a *casa portuguesa* já comparecia entre as preocupações da intelectualidade (Leal, 2000).

A primeira obra de arquitetura de Ricardo Severo foi construída em Portugal, no Porto, à rua do Conde<sup>9</sup>, a partir de 1902. Essa é a data de registro do processo de aprovação da obra junto à Câmara Municipal do Porto (FIGURA 1). Naquele contexto de agitação em busca da arquitetura genuinamente portuguesa, em que raros exemplares

---

6 Exemplares encontrados num alfarrabista do Porto: Livraria Manuel Ferreira, que afirma ter comprado os livros da biblioteca de Ricardo Severo.

7 Não há consenso se o engenheiro teria chegado em 1891 ou 1892, no Rio de Janeiro ou em São Paulo, porém é certo que já se encontrava na cidade de São Paulo em 1892. (Silva, 2005, p.54).

8 Segundo Segawa (1997, p.36), José Mariano Filho (1881-1946), médico e historiador de arte, foi o “responsável pela denominação ‘neocolonial’ ao movimento”.

9 Atualmente, rua Ricardo Severo.

da novíssima tendência haviam sido ensaiados<sup>10</sup>, essa casa foi objeto de um debate<sup>11</sup> fortalecido a partir do artigo de Rocha Peixoto, *A casa portuguesa*, publicado em 1904 no jornal *O Primeiro de Janeiro*. Na segunda publicação desse artigo, na revista *Serões*, em 1905, o autor junta 14 fotografias de habitações autóctones portuguesas, denotando um interesse prévio pelo assunto.

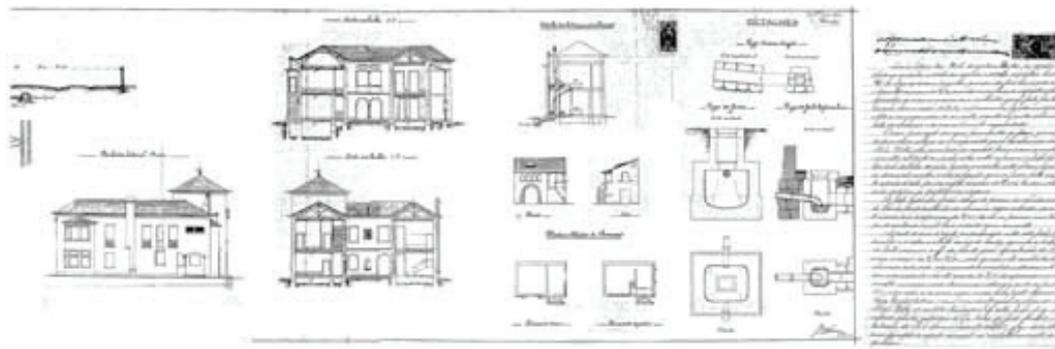


FIGURA 1 – Processo para requerimento de licença para construção. Casa do engenheiro Ricardo Severo, localizada à rua do Conde (atual rua Ricardo Severo), Porto, Portugal, 1902. Fonte: Arquivo Municipal do Porto.

O aspecto geral dessa edificação é de uma casa urbana do início do século XX: isolada no terreno, planta com espaços compartimentados e especializados. Destacou-se por exibir uma tipologia diferenciada, em relação às tradicionais construções “em banda” (geminadas), muito comuns no Porto, que são alinhadas pelo estreito limite frontal do terreno e se desenvolvem na vertical. Era diferente, também, em relação aos “chalés” e à arquitetura de inspiração eclética, então em voga.

Por sua feição incomum e por pertencer a um português que tinha vivido no Brasil, a obra várias vezes foi interpretada, equivocadamente, como de influência brasileira. Com relação a esse detalhe, já nos alerta Milheiro (2005, p. 165), dizendo que “a casa do engenheiro Ricardo Severo [...] que retorna do Brasil na década de 90 [...] é correntemente confundida com um exemplar da ‘arquitetura brasileira’”. Essa arquitetura brasileira, a que a autora se refere, são as casas construídas pelos portugueses “torna-viagem”, aqueles que imigraram para o Brasil durante o final do século XIX e começo do XX, enriqueceram, voltaram a Portugal e construíram edificações residenciais e institucionais, via de regra, muito ostensivas e ricas, com influências ecléticas brasileiras. Esses exemplares são comuns na região do Minho, especialmente na cidade de Fafe<sup>12</sup>.

10 Considera-se a casa de propriedade dos senhores O’Neill (1900), projeto de Francisco Vilaça, em Cascais e M. Gomes, no Estoril, como exemplos desses ensaios. Viterbo (1912, p.567).

11 Outros artigos que localizamos e que discutem a casa de Severo e a temática envolvida são: Viterbo (1912); Carvalho (1901a) (1901b).

12 Sobre o assunto ver: Monteiro, Miguel. 1991. *Fafe dos “Brasileiros”: (1860-1930) - Perspectiva Histórica e Patrimonial*. Fafe, Ed. Autor; Lima, Roberto Pastana Teixeira. 2001. *Modelos Portugueses e a Arquitetura Brasileira: catálogo e análise das formas arquiteturais paulistanas e lusitanas no oitocentos*. Tese (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade Estadual de Campinas, p.175-188.

Contudo, a casa de Severo foge às interpretações mais comuns, pois sustenta um ar *tradicionalista* e remete, principalmente, à arquitetura da região Norte de Portugal – o uso da pedra, a escada, a varanda, os beirais, a constituição pesada – ainda que faça referências a variados detalhes que podem ser associados à arquitetura de outras regiões de Portugal, como analisado por Peixoto (1967, p. 163-165). Embora o autor já afirmasse que não “há lugar para o destaque duma casa ou casas de indefectível estilo nacional” (Peixoto, 1967, p. 160), ele próprio, no mesmo artigo, publicado em 1905, faz a defesa do *espírito nacionalista* do exemplar em questão, traduzido através do emprego de diversas outras características:

[...] esta casa, pois, [...] constitui um verdadeiro Museu de pormenores e de motivos que resume épocas, estilos e influências [...] ficam patentes os recursos de que nos é lícito dispor para a edificação duma ‘casa portuguesa’.  
(Peixoto, 1967, p. 165)

Conforme podemos verificar pelo projeto e pelas fotos, estão presentes, nela, elementos tais como balcão com muxarabi, nicho para santo e chaminés pronunciadas, como as do Sul do país, que fazem da casa uma reunião de características da arquitetura portuguesa, um “museu de pormenores”, como foi descrito (FIGURAS 1 e 2).

Entretanto, dentre todas as características da casa, a que mais se destaca é a planta, pois existe uma clara semelhança com a planta da casa registrada por Jean-Baptiste Debret (1768-1848) em sua Prancha 42. Quem chama a atenção para o fato de esse artista francês ter-se tornado uma fonte de informações é Pinheiro (2005, p. 7):

A despeito de suas breves análises arquitetônicas, o fato é que Debret [...] pela escassez de outros estudos a respeito - tornou-se referência para todos aqueles que voltaram seus olhos para a arquitetura colonial brasileira [...], a começar por Ricardo Severo e José Mariano Filho, passando por Alexandre Albuquerque e tantos outros.

Assim, é possível aventar duas possibilidades. A primeira é que Severo tenha entrado em contato com a obra de Debret durante sua primeira estada no Brasil e tenha, através dessa inspiração, desenvolvido a planta para sua casa no Porto. A segunda é que essa planta tenha sido fruto das pesquisas de cunho arqueológico levadas a cabo por Severo. De acordo, ainda, com Pinheiro (2005, p. 7), referindo-se à casa em questão, “Debret relaciona cada cômodo [...] com seu correspondente pompeiano”. Significa que a matriz utilizada por Severo tem origem na arquitetura residencial romana, o que possivelmente não lhe tenha passado despercebido, em suas investigações sobre as origens do povo português.

De acordo com o primeiro caso, então, temos uma influência da arquitetura colonial brasileira já na primeira casa construída por Severo. De acordo com o segundo, essa seria mais uma característica – ancestral – da arquitetura tradicional portuguesa, acrescentada

ao “museu de pormenores”. Peixoto (1967, p. 163) julga que o arranjo espacial em torno do pátio pode, ainda, ser devido “à reminiscência árabe ou romana, tão pouco comum entre nós e tão frequente na Espanha, liga-se a adopção dum pátio interior”.

De qualquer forma, a casa de Severo no Porto é, seguramente, a primeira obra a materializar, de maneira satisfatória, os anseios de debates teóricos quanto à arquitetura genuinamente portuguesa (FIGURA 2). Depois de sua construção, as intenções de “re-aportuguesar” a moradia se acentuaram, e passa a ser possível encontrar, nas revistas de arquitetura da época – como na *A Arquitectura Portuguesa* ou *A Construção Moderna* - numerosos projetos com características, e nomes alusivos, tais como casa *regionalista*, *tradicionalista* ou *portuguesa*, que fazem menção às tradições, e cuja autoria nos remete a vários arquitetos que já haviam aderido à tendência (Leal, 2000, p. 112). Esse se configurou, pois, como um momento mais voltado à divulgação das ideias de um movimento que vinha se consolidando, diferentemente do momento anterior, onde as discussões eram teóricas e se davam na esfera do público intelectual.



FIGURA 2 – Fotos da casa do engenheiro Ricardo Severo tiradas por ele, provavelmente, logo que a construção ficou pronta, pois foram publicadas na versão revisada do artigo de Rocha Peixoto “A casa portuguesa”. Fonte: Peixoto, 1967.

A produção arquitetônica de Ricardo Severo no Brasil, embora guarde, inegavelmente, uma identidade com a referida casa do Porto, caracteriza-se por uma maior expressividade e liberdade, na maneira de utilização da linguagem de ornamentação e no emprego das referências *tradicionalistas*, marcando uma dicotomia, também, no que se refere à sua obra, construída nos dois países.

Em planta, de acordo com a análise realizada por Silva (2005), as residências criadas pelo engenheiro no Brasil aproximam-se dos palacetes ecléticos. Contudo, nas elevações o apelo às referências *tradicionalistas* e *barroquizantes* é bastante mais efusivo, se comparado com sua casa no Porto, como facilmente se verifica em exemplares tais como a casa Numa de Oliveira (1916), a casa Praiana (1920-24), a casa Rui Nogueira (1939-40), a casa Júlio de Mesquita (1910) e a casa Lusa (1920-24)<sup>13</sup>. Severo empregou

13 Quando volta ao Brasil, em 1908, Severo torna-se sócio do escritório Ramos de Azevedo em São Paulo, de maneira que todos os projetos aqui citados são posteriores a essa data.

painéis de azulejos, frontões e volutas barrocas, chaminés à portuguesa, beirais revirados, e até mesmo elementos de demolições, entre os quais peças originárias do período barroco, tendo procedido, portanto, de um modo atualmente inaceitável. Nesse sentido, a reforma da Faculdade de Direito do Largo São Francisco é a obra mais questionável de sua carreira, segundo podemos verificar em Pinheiro (2005, p. 123-127), pois o engenheiro não teria apresentado nenhuma preocupação preservacionista com relação à obra original. Pelo contrário, segundo a autora, “os dois maiores expoentes da tendência neocolonial [...] José Mariano Filho e Ricardo Severo – estavam entre os maiores colecionadores do período” (Pinheiro, 2005, p. 16), pois utilizaram vários elementos coloniais originais, na composição de suas casas *neocoloniais*. Talvez tenhamos que considerar a contradição do pensamento desses homens que atuaram no período como um aspecto intrínseco, invisível à ponderação da época. Retornando aos projetos de sua autoria, também podem ser citados, devido à profusão ornamental que apresentam, principalmente *barroquizante*, embora não sejam residenciais, os prédios da Beneficência Portuguesa de Santos (1936), Campinas (1926) e Bauru (1914), cidades do interior do Estado de São Paulo, incluindo a intervenção realizada no prédio da Faculdade de Direito, na cidade de São Paulo (1939).

Tendo sido um profissional que viveu e estudou na região Norte de Portugal, pode-se dizer que ele esteve mais ligado à tradição arquitetônica dessa região, lugar onde a arquitetura barroca foi bastante mais expressiva que em outras regiões do país, e onde se concentram os antigos *solares portugueses*, do século XVIII, principais exemplares do barroco não religioso. Além disso, quando esteve no Brasil, entrou em contato com a arquitetura do período colonial, da qual se destaca a barroca, julgando serem, essas, as raízes da arquitetura brasileira, as quais deveriam orientar a produção vindoura<sup>14</sup>.

Devido, portanto, ao seu repertório e à sua nacionalidade, encontramos o engenheiro no Brasil produzindo obras que apresentam uma relação mais direta com o barroco, mas que se inserem totalmente no debate sobre a *casa portuguesa*. Possivelmente a maior expressividade de Severo, em terras brasileiras, se tenha dado no intuito de lembrar, na ex-colônia, o veio português de sua arquitetura, inclusive lembrando a origem da arquitetura colonial barroca. Afinal, é o cariz tradicional português e barroco que vai distinguir a arquitetura, lançada por Severo, das influências neocoloniais hispânicas.

Veremos, após o lançamento de suas ideias e da construção de suas obras, a disseminação de uma linguagem de traços *barroquizantes* que se estende até meados de 1940, o que também afirma Milheiro (2005, p. 178 e 180): “o tempo neocolonial invade

14É “claro para Severo que outras raízes – também plausíveis, como as indígenas – não são exactamente tradicionais; ou seja, não geraram verdadeiros estilos arquitectónicos ou artísticos, reportando-se a um uso decorativo: o ser autóctone não se confunde com o ser tradicional, constituindo assim um primeiro argumento que afasta, da fonte nacional brasileira, as manifestações artísticas anteriores à colonização.” (Milheiro, 2005, p.181).

o tempo moderno, mesmo enfrentando uma desaprovação crescente. [...] a ideia de uma casa brasileira prolonga-se, assim, do neocolonial para o moderno”.

### 3. Raul Lino no Contexto do Movimento Tradicionalista Português

Raul Lino nasceu em Lisboa, no ano de 1879, numa família abastada. Seu pai foi um comerciante bem-sucedido do ramo de materiais de construção, de onde provém, possivelmente, o interesse em que os filhos estudassem assuntos relacionados a esse setor de atividades. Assim, quando Raul Lino tinha apenas 10 anos, em 1890, embarca, com o irmão, para Windsor, Inglaterra, a fim de cumprir o equivalente aos estudos secundários. Em 1893, vai para Hannover, na Alemanha, para cursar a Escola de Artes Decorativas (Pimentel, 2006).

É importante destacar que nas últimas décadas do século XIX o curso de arquitetura, em Portugal, não tinha estatuto de curso superior, ao contrário dos de engenharia. Trata-se de um período de instabilidade no país e de consequentes mudanças na área política (crise do regime monárquico), principalmente, o que vai se refletir nos aspectos socioeconômicos e culturais (Leal, 2000; Catroga, 1991; Ramos, 1994). Dessa forma, as famílias mais abastadas, que podiam proporcionar melhor formação para seus filhos, ou os mandavam para as engenharias, em Portugal, ou para o exterior, via de regra para a França, onde recebiam a influência cultural desse país. A própria Academia de Belas Artes de Lisboa – que passa a ser Academia Real, em 1862, tendo nascido como Casa do Risco, em 1755 – envia a Paris, em 1865, os primeiros bolsistas, o que significa que o ensino em Portugal seguia a escola francesa.<sup>15</sup>

Contrariando a tendência corrente do momento, Lino foi mandado para a Inglaterra e para a Alemanha, em decorrência da área de atuação do pai, que também intencionava estimular, nos filhos, o desenvolvimento das habilidades artísticas. Na Alemanha, contudo, Lino não vai para um curso superior, mas frequenta cursos livres, que não lhe dão o grau acadêmico de arquiteto. Ou seja, Lino não vai para a academia, mas vai para o exterior, outro fator indicativo da preocupação das famílias ricas em conseguir para os filhos uma formação melhor que aquela existente em Portugal, na época. O arquiteto somente recebe seu título em 1926, “de uma forma quase honorífica” (Ribeiro, 1994, p. 27).

Essa trajetória diferenciada marcou todo o trabalho de Raul Lino. Sua formação cultural e profissional tem raízes no centro da Europa, no ambiente cultural dessa região na virada do século. Recebeu grande influência do movimento *Arts and Crafts*, à qual se pode atribuir sua postura em defesa do artesanato e contra a *standatização* e a industrialização.

---

15 Nota histórica sobre a Faculdade de Belas-Artes de Lisboa. Cronologia adaptada de Calado, Margarida. *Tábua Cronológica 1755-1983 in O Caderno de Desenho*. Catálogo da Exposição O Risco Inadiável, ESBAL, 1988. Disponível em: <http://www.fba.ul.pt/001.html>. Acesso em: 15 ago. 2011.

Em outras palavras, defendia o “amor pelo fazer” (Pimentel, 2006). À influência desse movimento também se podem atribuir suas ideias acerca da recuperação e da valorização de certos aspectos da arquitetura tradicional e vernacular. Em sua biblioteca podem ser encontrados livros – tais como os de Mackintosh, de Ruskin e de Bailey Scott<sup>16</sup> – e revistas de artes e arquitetura – como *Deutsch Kunst Deco*, *Racion*, *Studio* e publicações sobre a Secessão Vienense (Pimentel, 2006). Encontra-se no trabalho de Vogliazzo (1988) uma aproximação entre as obras de Muthesius, *Das Englische Haus* (1904), e Lino, *A nossa casa* (1918), concluindo-se que o último teria, muito provavelmente, lido o primeiro, devido às características presentes nas ideias e no trabalho do arquiteto português. Foi marcado também pela cultura alemã de fins do século XIX e início do XX: pelo Jugendstil, pela obra global, quando, em Hannover, trabalhou com o professor Albrecht Haupt<sup>17</sup>, estudioso da arquitetura portuguesa dos séculos XIII ao XVII, a quem dedicou grande estima e a quem se referia como “querido mestre”<sup>18</sup>. Sua inclinação pela música o fez grande admirador de Wagner e das grandes encenações, o que acabou por se refletir em suas obras arquitetônicas mais significativas, nas quais se verifica um grande cuidado com a reverberação dos sons nos ambientes construídos.

Essa sua formação deriva da cultura romântica, bem como sua tendência à busca das tradições e da identidade nacional, embora se tenha mantido sempre longe da política. Ribeiro afirma que, além de todas essas características de sua formação, também teve influências da literatura e da música portuguesa, formando

[...] o seu próprio modelo de romantismo, afinal um dos vectores estruturais da sua personalidade, intuitiva, intimista e diletante, de alguma forma paternalista e aristocrática, dentro desse contexto cultural de nacionalismo quase mítico. (RIBEIRO, 1994, p. 31)

Seu perfil contrasta, portanto, com o da maioria dos portugueses eruditos e o dos arquitetos que se formavam no período, e que produziam a arquitetura eclética dos revivalismos historicistas e dos “chalés” (Ribeiro, 1994, p. 28).

---

16 Lord George Bailey-Scott (radicado em Portugal no séc. XIX) desenvolveu intensa atividade na área da botânica e da imortalidade humana, no Alentejo rural.

17 “Karl Albrecht Haupt nasceu a 18 de março de 1852 em Büdingen. Faleceu a 27 de outubro de 1932, em Hannover. Frequentou a Universidade de Giessen e as escolas técnicas de Hannover e Karlsruhe; graduou-se em Filosofia e habilitou-se, em 1880, na escola técnica da Hannover; foi arquitecto de castelos ao modo de seu tempo, construiu casas municipais e restaurou igrejas na Alemanha. Foi viajador por toda a Europa e escreveu mais de uma dezena de livros sobre arte. Quedou-se em Portugal durante alguns anos, percorreu-o quase todo à procura de nossa arte sobre a qual publicou dois volumes: *Die Baukunst der Renaissance in Portugal*, Ester Band, Frankfurt A.M., Heinrich Keller, 1890; idem, *Zweiter Band*, 1895 (158 p. e 171p.)” Esta rápida biografia foi tirada da introdução crítica que acompanha a edição portuguesa: Haupt, A. *A Arquitectura do Renascimento em Portugal*. Tradução: Margarida Morgado, Introdução crítica e revisão de texto: M. C. Mendes Atanázio. Lisboa: Ed. Presença, 1986.

18 Tratamento retirado da correspondência trocada entre Lino e Haupt (documentos encontrados no acervo da família Lino).

De volta a Portugal em 1897, Lino sem demora inicia seu trabalho. Uma de suas primeiras obras, e também uma das mais conhecidas, é a casa Monsalvat, de 1901, construída no Monte Estoril para o pianista Alexandre Rey Colaço (FIGURA 3). Sua bagagem cultural adquirida no exterior, na qual estão as principais convicções que nortearam seu trabalho, associada às inquietações acerca de seu país, especialmente no que diz respeito à arquitetura, levaram-no a realizar outras viagens e a tomar uma postura própria.

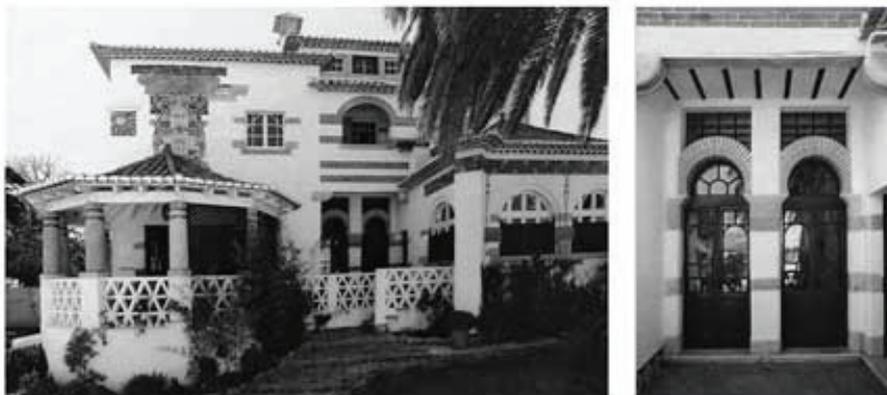


FIGURA 3 – Casa Monsalvat, do arquiteto Raul Lino, construída em Monte Estoril para o pianista Alexandre Rey Colaço, em 1901. Beirais, arcos e azulejos em associação com elementos da arquitetura árabe. Fonte: Serrão (2005, p. 29-30).

Assim, Lino desenvolveu um posicionamento diferenciado, com relação a várias correntes de pensamento que caracterizaram a produção arquitetônica dos princípios do século XX, e que acabou florescendo devido às condições propícias do período, já aqui citadas, e que foram os debates intelectuais por uma arquitetura genuinamente portuguesa. Por um lado se opunha ao academicismo “afrancesado” e ao ecletismo – que considerava como influências estranhas às raízes portuguesas – e, por outro, à industrialização da arquitetura, à era da velocidade e às ideias modernistas, percorrendo um caminho motivado pela busca da arquitetura ideal. Lino trabalhou em função da valorização de qualidades arquitetônicas tais como a implantação, a paisagem, a proporção, além de buscar, incessantemente, as componentes e a essência do que seria a *casa portuguesa*. Segundo Ribeiro (1994, p. 102), Lino desenvolve, ao longo de sua produção, características ligadas às ideias de natureza e tradição e, dessa forma, mantém uma linguagem ao mesmo tempo *histórica*, porém sem os excessos do historicismo eclético. Esta autora situa Lino, segundo sua formação e segundo as influências que recebeu, numa posição particular, que não era moderna e também não era eclética:

Apaixonadamente, contraria a lógica abstracta de um geometrismo apolíneo, que considera desumano – o modernismo, mas enjeita também, na sua demanda de tranquilidade, os excessos decorativos e cenográficos de um barroquismo dionisíaco – o ecletismo. (Ribeiro, 1994, p. 189)

O caminho que Raul Lino traçou não seguia nenhuma das tendências predominantes da época, mas coincidia com o movimento tradicionalista que se fortalecia, e do qual ele viria a ser a figura mais importante. Nesse movimento é possível identificar algumas vertentes arquitetônicas que faziam parte do que Lino considerava como componentes da arquitetura portuguesa, tais como a árabe, a manuelina e a barroca.

Pode-se considerar que foi o “mestre Haupt”, através de seu trabalho e de seu convívio, quem despertou em Lino o interesse pela busca dos componentes culturais da arquitetura de seu país. É importante, aqui, nos demorarmos um pouco mais sobre a influência de Haupt em Lino, lembrando que esse estudioso alemão, como já foi mencionado, viajou por toda a Europa, principalmente por Portugal, durante o final da década de 1880, inclusive, saliente-se, pelo Norte português (Haupt, 1986, p. III, IV e V). Na introdução crítica que se encontra na edição portuguesa do livro do “mestre”, *Baunkunst Der Renaissance in Portugal*, de 1986, há informações pertinentes à compreensão dessa influência.

Em primeiro lugar, Atanázio – autor da introdução crítica e da revisão de texto da edição citada – esclarece que, embora a obra e seu título queiram se referir à arquitetura do renascimento em Portugal, “para ele [Haupt], tal conceito vai do séc. XIV, ou XIII, pelo séc. XVI e até XVII, misturando Barroco e Maneirismo, e Contrarreforma” (Haupt, 1986, p. II). Analisando a obra, o crítico afirma que Haupt

[...] deu muito valor aos trabalhos em talha, sobretudo quando os encontrou nos coros das igrejas, catedrais, armários de sacristia, retábulos de altar, nos tectos e nalgumas superfícies murária em decoração escultórica luxuosa, toda dourada. (HAUPT, 1986, p. II)

Esta descrição aponta para estudos sobre o Barroco, ao contrário do que é sugerido no título da obra. Isso indica que as raízes que Lino procurava – considerando-se que ele via o mundo um pouco pelas lentes do “mestre” – não se restringem ao Renascimento, abrangendo um universo bastante mais amplo, onde esteve, inclusive, o Barroco.

Em segundo, Atanázio mostra a faceta de Haupt interessada pela cultura que fosse distante e estranha a ele, que começava em Portugal e se estendia até o Oriente, ou seja,

[...] ao lermos a obra de Haupt, devemos entendê-lo ao nível de um estrangeiro tocado por algo de aventura, que veio aqui à busca do estranho mundo que ele pensou ser Portugal, e em cuja arte e cultura misturou quanto e quando pôde uma mezinha exótica de orientalismo e arabismo. [...] A visão e interesses de Haupt pelo exótico e antiquariado é que o terão levado a não só falar da arquitectura, [...], mas também das nossas artes ornamentais, desde os azulejos, até aos móveis de madeira, bordados e ourivesaria. [...] É aceitável no que disse sobre a influência mourisca, seja na arquitectura mudéjar, seja nos revestimentos de azulejos e “desenhos dos entrelaçados geométricos”, sem esquecer a olaria e marcenaria. (HAUPT, 1986, p. II e III)

Desse modo, é possível conjecturar que a percepção de Lino para com a contribuição do veio árabe ou mourisco na cultura portuguesa foi despertada por Haupt. Assim, logo que volta a Portugal, viaja pelo país, agora com uma nova visão, no intuito de *reconhecê-lo*. Então, o que mais lhe interessou foi a arquitetura alentejana, principalmente da cidade de Évora, na qual identificou as origens árabes (Pimentel, 2006). Mas por que vai para Évora? Talvez por indicação de Haupt. Em sua obra já citada, junto a um desenho do Palácio Real de Sintra – atual Palácio Nacional de Sintra – o texto do “mestre” associa o trabalho aos construtores mouros, Sintra e Évora, como se pode ler no trecho:

[...] a maior parte do edifício se deve aos reinados de D. João I e em especial aos de D. Afonso V e de D. João II, tendo os trabalhos de construção sido executados até o reinado de D. Manuel sobretudo por artífices mouros, provavelmente os mesmos que trabalhavam para o rei em Évora. Todo o Palácio Real de Sintra mostra uma marcada e estranha semelhança com os edifícios daquela velha cidade distante, mas nenhuma com os de Lisboa e arredores. (HAUPT, 1986, p. 113)

Compreende-se, assim, um pouco do interesse de Lino por Sintra, pelo Palácio Real e por Évora: ele começa, por esses lugares, a encontrar uma das raízes da arquitetura portuguesa, a árabe. Mais tarde, em 1902, viaja a Marrocos, talvez como consequência da ida ao Alentejo, em busca de raízes mais profundas. E, tal como Haupt, encontra-se Lino viajando a fim de observar, conhecer e registrar aspectos culturais, principalmente da arquitetura. O próprio arquiteto afirma que essa viagem ao Marrocos foi bastante importante para o exercício de sua profissão. Além disso, em vários de seus projetos aparecem reminiscências marroquinas ou alentejanas, por exemplo, nas casas Rey Colaço, Silva Gomes, Jorge O’Neill, Vila Tânger (Ribeiro, 1994, p. 29, 20 e 35).

Raul Lino – como arquiteto e como teórico – esteve sempre envolvido com a questão das origens culturais e da tradição. Assim, segundo Ribeiro (1994, p. 99), para ele a *casa portuguesa* definiu-se no segundo quartel do século XVII, “dentro de um estilo barroco dominante”. Esta autora afirma que o arquiteto considerava também o Manuelino como o primeiro estilo português. (Ribeiro, 1994, p. 86)

É, portanto, muito significativo que sua produção pareça, por vezes, uma colagem de vários estilos; afinal, no seu pensamento a arquitetura portuguesa era uma mistura de muitas influências. Contudo, o próprio arquiteto defende-se desse tipo de crítica na sua obra teórica. Em *Casas portuguesas*: alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples, de 1933, ele mostra que a mera junção de alguns detalhes ou ornamentos não qualificam devidamente o edifício e seu espaço, nem o caracterizam como sendo próprio de uma nação, como se pode deduzir pelo trecho de sua autoria:

[...] o autor tendo ouvido alomear que o arco de ferradura é autenticamente árabe, à última hora resolve imprimir um par de ferraduras no meio da fachada, para que de arqueologia não deixe de haver também sua pitadinha... Bravo! Está terminada a obra; só lhe falta falar. Mas a obra não diz nada, parecendo tudo consentir. *Saxa loquuntur* é mentira como todas as figuras de retórica. (Lino, 1933, p. 69)

Pelo exposto, nota-se que a intenção de Lino é ampla. Enquanto arquiteto também esteve sempre preocupado com a qualidade do espaço. Segundo seu neto, o também arquiteto Diogo Lino Pimentel, Raul Lino não buscava um “estilo” e não propalava, em suas obras teóricas, que o “estilo” era importante. Ao contrário, seu intuito era o de indicar “o que era importante numa casa, para se viver de maneira agradável” (Pimentel, 2006). Nunca quis disseminar receitas, pois para ele importava a expressão cultural própria de cada época e, mais que tudo, a qualidade do espaço. No desenvolvimento dos seus projetos, ainda segundo as palavras de Diogo Lino Pimentel, fossem de edificações ou de objetos, as características não eram as da forma pela forma, mas da forma que nascia de dentro, das necessidades internas (Pimentel, 2006). Alguns autores<sup>19</sup> entendem que a atitude projetual do arquiteto era, já, um tanto moderna, como menciona o professor engenheiro Costa Lobo, quando relembra a postura “sempre aberta ao novo e muito modernista”<sup>20</sup> de Lino, nas reuniões da Junta Nacional de Educação<sup>21</sup>. Nesse mesmo sentido, recordamos que o último inquérito à arquitetura portuguesa afirma que Lino “valoriza uma postura teórica tão inovadora quanto moderna, baseada no entendimento do sítio, na reinvenção dos materiais tradicionais e na importância da vivência doméstica”. (Tostões, 2006, p. 18)

Como essa característica era compatível com seu tradicionalismo? Aqui, mais uma vez se evidencia o aspecto ambíguo dos pensamentos desses intelectuais das primeiras décadas do século XX, que viveram entre a necessidade de afirmação de uma identidade e o avanço da modernidade, que pretendia se desligar da tradição cultural e olhar para o futuro. Os descendentes de Lino argumentam que ele defendia “não deitar fora o que fosse bom da ‘casa portuguesa’” e conjugar essas qualidades com as “boas novidades”, no seu entender. O dr. Martinho Pimentel – bisneto de Raul Lino – exemplifica que

[...] a casa do cipreste não é exactamente uma casa portuguesa, mas os elementos que a ela podem ser atribuídos lá estão presentes. Afirma também que a preocupação do bisavô era a “de não perder as raízes, ou melhor, perceber as raízes para não esquecer do ponto de partida, mas sem deixar de andar para a frente”; não estava pensando em buscar a identidade nacional. (Pimentel, 2006) (FIGURA 4)

19 Almeida, Pedro Vieira de. *Raul Lino ensina a olhar*. Mesa Redonda: 28/10/2005, 17h – Palácio Vilaças, Sintra.

20 Conversa com o Professor Engenheiro Costa Lobo no dia 28/01/2006.

21 O prof. dr. Costa Lobo esclareceu que a Junta Nacional de Educação (4ª. Subsecção da 2ª. Secção) foi a instituição que deu origem ao IPPC – Instituto Português do Património Cultural – que, mais tarde, se transformou no atual IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico. Acrescentou que lá – na Junta – o arquiteto Carlos Ramos trabalhou com Raul Lino e eram, os dois, as principais figuras das reuniões, mas o primeiro não era seguidor ou discípulo do segundo. Informações retiradas também da nota 10.



FIGURA 4 – Entrada e vista do pátio interno da Casa do cipreste. Fonte: fotos da autora, janeiro de 2006.

É claro que este vem a ser um ponto bastante discutível, embora seja também um dos que fazem de Raul Lino uma figura de grande interesse, para se compreender a arquitetura do período e, inclusive, de períodos posteriores, tanto que um dos trabalhos mais completos sobre o arquiteto e seu pensamento, de autoria de Irene Ribeiro, leva o nome de “*Raul Lino, pensador nacionalista da arquitectura*”. (Ribeiro, 1994)

É certo que sua sensibilidade para produzir uma arquitetura de qualidade, a despeito das críticas de que foi alvo, pode ser atribuída à sua formação romântica, ao seu convívio com Haupt – que desenhou e fotografou enorme quantidade de objetos e edificações portuguesas de várias épocas – e, claro, à sua tendência natural. Seus descendentes asseguram que estava sempre atento, dava muito valor ao sentido da observação e desenhava assiduamente. Lino recusou-se ao uso da máquina fotográfica, preferindo desenhar, sobretudo, a fim de conhecer, compreender e aprender sobre a construção, além de preocupar-se com o registro e com o domínio das dimensões. Como exemplo de seu estudo através da observação e do desenho, o arquiteto Diogo Pimentel conta que foi olhando e desenhando inúmeras janelas, portuguesas, mouriscas, alemãs, entre outras, que Lino descobriu a origem genovesa dos cogumelos das janelas do Palácio Real de Sintra (Pimentel, 2006).

Além disso, os descendentes falam também em reinterpretação pelo desenho. Dessa maneira, não podia haver “colagem” ou cópia nas obras de Lino: ele observava, desenhava, reinterpretava e se expressava. É assim que, mesmo identificando referências ou influências em suas criações, se nota, sempre, a sua “maneira de fazer”. Como exemplo disso, seu neto menciona as curvas, que são características dos trabalhos de Lino: seja nos telhados, nos candelabros ou em outros objetos, são sempre curvas suaves. Afirma, inclusive, que entre seus estudos, deixados no arquivo da família, é possível encontrar desenhos de características barrocas, especialmente de objetos, mas que eram feitos com

o mesmo intuito, o de conhecer. E salienta que Lino não produziu nada que se referisse a tal “estilo” (Pimentel, 2006)<sup>22</sup>.

Foi fundamental, portanto, para sua expressão e seu raciocínio, essa experiência proporcionada pelo desenho e, ao certo, daí provém a importância que Lino atribuía à proporção, que é uma das características marcantes dos seus projetos e de suas recomendações teóricas. Associada a outros componentes de sua forma de projetar, a proporção ajudava a compor um aspecto especial, em suas obras, para cuja definição Ribeiro (1994, p. 37 e 38) emprega o termo “cenográfico”. Lino também chegou a estudar Botânica, o que lhe serviu para “aprender com a natureza”, especialmente nas pequenas viagens que fazia pelo interior da serra de Sintra (Pimentel, 2006). Certamente, essa atenção ao entorno natural inspirou a grande importância que dava à relação de suas obras com a paisagem, com os elementos vegetais e o modo como resolvia a implantação.

Por seu profundo envolvimento na prática da arquitetura<sup>23</sup>, assim como pela produção de uma obra teórica cujo intuito era orientar a construção de edifícios residenciais dentro dos cânones da “boa” arquitetura portuguesa, Lino foi reconhecido como o precursor e líder do movimento da *casa portuguesa*. Ribeiro (1994, p. 93) mostra a importância de seu papel nesse processo e, ao mesmo tempo, afirma que seus esforços foram engolidos pelos novos e modernos tempos, que já se anunciavam: “A ‘casa portuguesa’ não passava afinal de uma ficção. Raul Lino tinha dado vida a um sonho”.

#### 4. Severo e Lino: percursos comparados

A fim de visualizar quais as possíveis interações entre Severo e Lino, observamos nas carreiras de ambos os profissionais portugueses momentos relevantes. Interessou-nos comparar, num mesmo momento, o que se passava na vida de um e de outro para compreender se sofreram influências mútuas ou se ambos foram frutos do mesmo contexto histórico e cultural.

Uma das primeiras informações que procuramos obter foi se haviam se conhecido, se chegaram a se frequentar ou se mantinham comunicação sobre trabalho. Aproveitando a oportunidade do contato com a família de Lino, colocamos tais questões. Segundo o arquiteto Diogo Lino Pimentel (2006), seu avô Raul Lino e o engenheiro Ricardo Severo não mantinham relações e é provável que nunca tenham se encontrado. Pimentel não tem

---

22 Notou-se, durante a conversa, certa recusa em aceitar que Raul Lino tenha posto em suas obras, caracteres que remetam ao Barroco. Talvez devido ao fato de ser, este “estilo”, muito criticado, especialmente pela geração modernista, em Portugal (da mesma forma que, no Brasil, a mesma geração negou tudo o que se referia ao Ecletismo).

23 O arquiteto também produziu obras institucionais e comerciais, além das residenciais, muito desconhecidas. Encontramos em seu espólio, na Fundação Calouste Gulbenkian, 39 projetos comerciais/industriais; 20 religiosos e 46 institucionais, entre outros de outras naturezas.

nenhuma notícia de que o engenheiro tenha frequentado a casa da família. Em nossa visita ao arquivo particular do arquiteto<sup>24</sup> não encontramos, entre as correspondências, nada que se referisse a Ricardo Severo. Talvez a maior aproximação entre as duas personalidades tenha sido a que foi descrita pelo próprio Lino em seu livro *Auriverde Jornada*. Ele menciona as palestras que realizara, em 1935, em São Paulo, na Escola de Engenharia Mackenzie, no Instituto de Engenharia e no Instituto Histórico e Geográfico, as quais teriam sido organizadas por Morales de los Rios e por Ricardo Severo:

Mal parecia guardar silêncio sobre algumas destas rápidas impressões colhidas na capital paulistana onde o incansável Prof. Morales de los Rios – Presidente do Conselho Federal de Engenharia e Arquitectura – por um lado, e o grande português Ricardo Severo, (a-pesar-de ausente), com o seu enorme prestígio, pelo lado da nossa Colónia, tudo haviam previsto para que tivéssemos uma esplêndida recepção sancionada pelo Exmo. Prefeito Municipal, Dr. Fábio Prado. (Lino, 1937, p. 107)

Tinham conhecimento um do outro, porém, se há influência mútua, esta deve ter se dado à distância, através do contato com suas respectivas obras escritas e construídas. Não pudemos encontrar nenhuma informação que comprovasse uma relação ou uma comunicação entre os dois profissionais.

Quando nos questionamos sobre possíveis influências mútuas entre Severo e Lino, nos chamou a atenção um trecho encontrado em Silva (2005). Nele, Severo poderia ter sido influenciado por Lino e pelo movimento da *casa portuguesa*, quando retorna a Portugal, em 1897:

[...] o retorno [de Severo] ao Porto coincidiu com o surgimento em Portugal de um movimento nacionalista de revivescência da casa portuguesa, capitaneada pelo arquiteto Raul Lino [...]: O movimento arquitetônico, que se opunha ao ecletismo ao propor a retomada de uma ‘arquitetura autóctone’, pode ter de algum modo influenciado Severo, que anos depois encetaria uma campanha semelhante no Brasil. (Silva, 2005, p. 56)

E continua, conjecturando que a casa no Porto teria sido a “primeira vez [em que o engenheiro] experimentou o desafio de ‘harmonizar’ as referências da arquitetura portuguesa com as exigências de conforto da casa moderna”. (Silva, 2005, p. 56)

Segundo nossa comparação, Lino havia saído do país ainda muito jovem (17 anos) e teria retornado a Portugal, coincidentemente, no mesmo ano em que o fez Severo, em 1897. Nesse momento, como vimos, a inquietação intelectual em favor do fortalecimento da nacionalidade, das tradições e do republicanismo já havia sido deflagrada, e vinha

---

24 Bernardo Lino Pimentel, bisneto do arquiteto Raul Lino, e sua esposa, Madalena Pimentel, guardam parte do espólio deixado por Raul Lino, onde estão os seus desenhos e estudos de artes decorativas e as suas correspondências pessoais, em sua residência em Lisboa. Foi-nos gentilmente permitida uma visita a esse arquivo em fevereiro de 2006.

amadurecendo desde 1890, data do Ultimato Inglês. Severo esteve muito envolvido nesse processo político, portanto acreditamos que estava, já, imbuído de um espírito combativo em favor da nação, da tradição etc. Além disso, tinha 27 anos de idade e, provavelmente, ideias amadurecidas sobre seus interesses em arquitetura.

Ao contrário, Lino não participara de tais movimentações contestatórias e revolucionárias. Inclusive, Pimentel (2006) nos afirmou que Lino se manteve sempre afastado da política. Quando retorna a Portugal tem apenas 17 anos e uma bagagem cultural que abrangia teorias arquitetônicas e urbanísticas do centro e norte europeus (*Ruskin, Arts and Crafts*). Começou logo a realizar suas obras, mas ainda não era o notável arquiteto de casas “verdadeiramente” pertencentes à cultura de seu país.

Em 1902, quando Severo começa a construir sua casa no Porto, Lino está em digressão pelo Marrocos, em busca de afirmação quanto aos aspectos formadores da arquitetura tradicional portuguesa. A publicação de um projeto seu para uma residência em Coimbra, na revista *A Architectura Portuguesa*, de 1909, dá força à ideia de que Lino começa a ganhar visibilidade ao final dessa década: “apezar de Raul Lino ser um artista novo, estes esforços [busca de elementos originais para compor arquitetura portuguesa] já são antigos; pois elles lhe teem consumido patrioticamente toda a actividade artística. [...] A Raul Lino se deve uma criação artística nova – a casa portugueza” (*A casa...*, 1909, p. 29). O arquiteto passou a ser reconhecido como expoente do movimento da *casa portuguesa* somente depois da publicação das suas obras, a partir de 1918<sup>25</sup>, as quais cumpriram um papel de divulgação e orientação para quem queria construir segundo a boa arquitetura portuguesa. (Leal, 2000, p. 112)

Assim, estamos de acordo com Silva (2005) quando afirma que a casa de Severo, no Porto, com suas características, é a primeira experiência do engenheiro nesse sentido, motivada por uma movimentação intelectual propícia, que vinha se desenvolvendo desde o final do século XIX. Porém divergimos quanto a considerar que Severo tenha sido influenciado por Lino, pois este último vai se afirmar como a figura mais relevante do movimento da *casa portuguesa* aproximadamente 15 anos depois do início da construção da casa de Severo no Porto. Mesmo tendo Lino construído sua primeira obra em 1901 (casa Monsalvat), é improvável que Severo tenha sido por ela influenciado. Seria preciso que essa obra tivesse beneficiado de repercussão nacional imediata para que Severo, no Norte e no ano seguinte, tenha nela se inspirado para construir a sua casa no Porto. E, como vimos, também era improvável que ambos estivessem em contato, para que Lino informasse Severo sobre a casa Monsalvat.

Assim, Severo foi um dos pioneiros – paralelo a Lino – do movimento de afirmação da arquitetura portuguesa. Peixoto (1967, p. 153) já teria testemunhado o feito: “O novo

<sup>25</sup> *A nossa casa*: apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples (1918); *A casa portuguesa* (1929); *A casa portuguesa*: alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples (1933).

prédio que um engenheiro ilustre edificou [...] no Porto, a rua do Conde, veio a dilatar [...] o débil movimento promovido pela aspiração ainda indecisa da nacionalização do domicílio português”. Esse fato é pouco lembrado, pois Severo parte definitivamente para o Brasil em 1908 sem deixar mais obras relevantes. A partir de então, Severo encabeça o movimento brasileiro – o *neocolonial* – enquanto Lino segue liderando o movimento que viria a ser o tão conhecido movimento da *casa portuguesa*.

## 6. Conclusões

O contexto histórico, político e cultural de Portugal naquele período era propício ao surgimento de movimentos defensores de valores tradicionais e nacionais. Severo e Lino foram frutos desse contexto, porém através de caminhos diferentes. Severo tinha um interesse precoce por arqueologia e etnologia e, mais tarde, se envolveu no movimento republicano. Formou-se engenheiro em Portugal e se identificava com os intelectuais de sua época: carregava uma bagagem iluminista e romântica ao mesmo tempo. Lino, por sua vez, teve uma formação atípica, adquirida na fonte do Romantismo, nos países centrais da Europa. Era totalmente voltado para as artes, para o desenho, para o “saber fazer” e para a arquitetura; via a industrialização com olhos críticos e era simpatizante da produção artesanal. Enquanto o movimento republicano se ativava em Portugal, ele estava estudando no exterior.

Produziram suas primeiras obras de arquitetura praticamente ao mesmo tempo, Lino em 1901 e Severo em 1902. Tinham voltado a Portugal recentemente, em 1897, e os debates intelectuais sobre o que seria uma “arquitetura portuguesa” ainda não tinham grande expressão. O movimento da *casa portuguesa* ainda não existia como tal e Lino ainda não era um notável arquiteto. Por isso, é improvável que Severo tenha sofrido influência de Lino para a criação de sua casa no Porto e para sua atuação no Brasil. Assim, a casa de Severo no Porto e a casa Monsalvat, de Lino – as duas primeiras obras de ambos – fazem parte das primeiras tentativas de materialização da uma “casa genuinamente portuguesa”, baseadas nas discussões teóricas do período. Logo, ambos já estavam mergulhados nesse universo cultural e ambos foram pioneiros, porém, seguindo caminhos separados.

Severo e Lino provavelmente nunca se encontraram e não se comunicavam. Com os passar dos anos, tiveram conhecimento de suas respectivas campanhas arquitetônicas. É possível que aprovassem e mesmo admirassem as atuações um do outro, pois eram movidos por interesses similares: as raízes, a tradição, a arquitetura nacional, a casa que jamais poderia existir.

## REFERÊNCIAS:

- A casa do Sr. Albino Caetano da Silva. (1909). *A Architectura Portuguesa*, Lisboa, ano 2, n.8, p. 30-31, ago.
- CARVALHO, Joaquim Martins Teixeira. A casa moderna. In: \_\_\_\_\_. *Arte e arqueologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925a. p. 159-175.
- \_\_\_\_\_. Habitação portuguesa. In: \_\_\_\_\_. *Arte e arqueologia*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925b. p. 71-77.
- CATROGA, Fernando. *O Republicanismo em Portugal: da Formação ao 5 de Outubro de 1910*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1991.
- HAUPT, Albrecht. A arquitectura do renascimento em Portugal do tempo de D. Manuel, o venturoso, até ao fim do domínio espanhol. Trad. Margarida Morgado. Lisboa: Ed. Presença, 1986.
- LABOURDETTE, Jean-François. *História de Portugal*. Lisboa: Dom Quixote, 2003.
- LEAL, João. *Etnografias portuguesas (1870-1970): cultura popular e identidade nacional*. Lisboa: Dom Quixote, 2000.
- LINO, Raul. *Casas portuguesas: alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples*. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1933.
- \_\_\_\_\_. *Auriverde jornada: recordações de uma viagem ao Brasil*. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1937.
- MATOS, Sérgio Campos. História e identidade nacional: a formação de Portugal na historiografia contemporânea. *Revue de Lusotopie*, Paris, n.2, p. 123-139, 2002.
- MILHEIRO, Ana Vaz. *A construção do Brasil: relações com a cultura arquitectónica portuguesa*. Porto: FAUP, 2005.
- PEIXOTO, R. A casa portuguesa (19045). *Estudos de Etnografia e de Arqueologia*, Câmara Municipal da Póvoa do Varzim, 1967, p. 163 a 165.
- PIMENTEL, Diogo Lino. *Diogo Lino Pimentel: entrevista*. [jan. 2006]. Entrevistadora: Júlia Maria Brandão Barbosa Lourenço e Luciana Mascaro. Entrevista concedida na casa do cipreste em 2006.
- PINHEIRO, Maria Lúcia Bressan. *Neocolonial, modernismo e preservação do património no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*. 233p. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Arquitectura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- RAMOS, R. A Segunda Fundação (1890-1926). In: MATTOSO, J. (Org.) *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.
- RIBEIRO, Irene. *Raul Lino, pensador nacionalista da arquitectura*. Porto: UP/FAUP, 1994.
- SERRÃO, Vitor; PIMENTEL, Diogo Lino. *Raul Lino em Cascais: casa de Santa Maria*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 2005.

SILVA, Joana Mello de Carvalho e. *Nacionalismo e arquitetura em Ricardo Severo: Porto 1869 – São Paulo 1940*. Dissertação (Mestrado) – Escola de Engenharia de São Carlos, USP, São Paulo, 2005.

TOSTÕES, Ana Cristina dos Santos. *Cultura e tecnologia na arquitetura moderna portuguesa*. Tese (Doutorado) – Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2002.

VITERBO, Sousa. A casa portuguesa. *Boletim da Associação dos Archeologos Portuguezes*, Lisboa, tomo 12, 5ª série, n.12, 1912.

VOGLIAZZO, M. Due ipotesi minoritarie nell'architettura del novecento: “a nossa casa” di Raul Lino e “das englische haus” di Hermann Muthesius. *Estudos Italianos em Portugal*, Lisboa, n.51/53, p. 15-31, 1988.

### MINICURRÍCULO

Luciana Pelaes Mascaro é graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Escola de Engenharia de São Carlos/USP (1997), com mestrado (2003) e doutorado (2008) em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo pela mesma escola. De 2005 a 2007 realizou estágio de doutorado em Portugal na Universidade do Minho e atuou como pesquisadora estrangeira na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. Em 2003 trabalhou como Diretora do Departamento de Patrimônio Histórico da cidade de Jaú, São Paulo. De 2004 a 2007 participou da organização de *workshops* e seminários sobre arquitetura e urbanismo. Em 2010 colaborou no CIVA (Centre International pour la Ville, l'Architecture et le Paysage), em Bruxelles, Bélgica. Atua como pesquisadora principalmente nos seguintes temas: arquitetura da primeira metade do século XX, modo de vida, arquitetura paulista, movimento neocolonial, arquitetura portuguesa, industrialização da arquitetura.

Maria Ângela Pereira de Castro e Silva Bortolucci fez graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Pernambuco em 1976, mestrado em Arquitetura e Urbanismo na Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo em 1983 e doutorado em Arquitetura e Urbanismo na faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 1991. Atualmente é professora doutora junto ao Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. Desenvolve pesquisas e orientações na área de arquitetura e urbanismo. Os temas mais frequentes na contextualização da sua produção científica, tecnológica e artístico-cultural são: arquitetura brasileira, arquitetura urbana e rural paulista, arquitetura e modos de vida do século XIX e do início do século XX, patrimônio cultural.

Júlia Maria Brandão Barbosa Lourenço é professora do Departamento de

Engenharia Civil da Universidade do Minho. Engenheira civil (FEUP, 1985) com uma pós-graduação em “Population and Development” (ISS – Haia/Holanda, 1989) e doutorada em Engenharia Civil (IST/UTL, 1997). Desenvolve, desde 1993, investigação sobre avaliação designadamente de planos-processo, expansão urbana, qualidade urbanística e qualidade de vida em vários centros: em Lisboa CESUR/IST (1993-97), no Minho CEC/UM (1998-2007), nos Estados Unidos da América SUAPP/Udel (2003-04) e em Madrid UPM/ETSI (2011). É membro de vários Comitês Científicos Internacionais, nomeadamente do Editorial Series “Management Information Systems”, do Wessex Institute of Technology e foi designada como Expert da Equipa de Avaliadores da Comunidade Europeia. Coordena actualmente a Delegação Portuguesa da International Society of City and Regional Planners (ISOCARP), sendo Bureau Member desta associação.